

Análise paisagística de doze praças de Presidente Prudente considerando os aspectos ambientais, estéticos e funcionais

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO BIOFÍSICA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Solange de Aragão/Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP)/solange.aragao@unesp.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise paisagística de doze praças situadas na cidade de Presidente Prudente, no Oeste do Estado de São Paulo, considerando também o seu uso na atualidade. Para essa análise foram realizados levantamentos de campo com registro fotográfico e o preenchimento de formulários com questões referentes à vegetação e à arborização, aos tipos de piso, equipamentos e mobiliário e seu estado de conservação, à faixa etária do público que frequenta essas praças e aos espaços mais utilizados. Como resultados iniciais da pesquisa, verifica-se que esses espaços no geral não são muito utilizados a não ser em determinados dias e horários, como é o caso da Praça do Vale, que abriga as chamadas “Batalhas de Rap”, particularmente aos finais de semana, no período noturno. Em termos de estado de conservação, a Praça da Bandeira apresenta uma das melhores condições, uma vez que passou por um processo de requalificação recentemente. No que diz respeito à vegetação e à arborização, a Praça do Bacarin é uma das mais arborizadas, considerando-se um de seus trechos. Por outro lado, essa praça revela um descuido em relação à manutenção da grama em um de seus segmentos. Todas apresentam áreas de estar e contemplação, equipamentos infantis, brinquedos de playground e canteiros de vegetação. Apesar disso, quando frequentadas, são mais utilizadas como espaços de circulação, especialmente durante o dia, dando margem ao questionamento sobre o significado da praça na cidade brasileira atual.

PALAVRAS-CHAVE: Análise paisagística; praças; Presidente Prudente.

ABSTRACT

This work presents a landscape analysis of twelve squares located in the city of Presidente Prudente, in the west of the State of São Paulo, considering also their current use. For this analysis, field surveys were carried out with photographic records and forms were filled out with questions regarding vegetation and trees, types of flooring, equipment and furniture and their state of conservation, the age range of the public that frequents these squares and the most used spaces. As initial results of the research, it seems that these spaces are not generally used except on certain days and times, as is the case of Praça do Vale, which hosts the so-called “Rap Battles”, particularly at the end of week, at night. In terms of conservation status, Praça da Bandeira presents the best conditions, as it recently underwent a requalification process. With regard to vegetation and trees, Praça do Bacarin is one of the most wooded, considering one of its sections. On the other hand, this square reveals a lack of care regarding the maintenance of grass in one of its segments. All have seating and contemplation areas, playground equipment and vegetation beds. Despite this, when frequented, they are more used as circulation spaces, especially during the day, giving rise to questions about the meaning of the square in today's Brazilian city.

KEYWORDS: Landscape analysis; squares; President Prudente.



1 INTRODUÇÃO

Presidente Prudente localiza-se no oeste do Estado de São Paulo, a 555 km da capital paulista. Segundo dados do IBGE (censo 2022), o município possui 225.608 habitantes em 560 km², com uma densidade demográfica de 402 hab/km². Apesar de possuir uma quantidade expressiva de residências em vias públicas arborizadas, totalizando 95,9% dessas moradias (IBGE, 2022), muitas dessas árvores não estão em boas condições.

De acordo com Margarete Amorim (1993), na década de 1990, a cidade possuía 147 áreas verdes, das quais 36 eram praças, representando 24,5% do total de áreas verdes - as demais correspondiam em sua maioria a espaços sem uso e abandonados. Já em 2002, Gomes e Amorim identificaram em Presidente Prudente 56 praças destinadas ao lazer, excluindo as rotatórias. Os autores destacam também o Parque do Povo com seus 590.000m², afirmando que “exerce o papel de uma imensa praça que atende os moradores de diferentes bairros” (Gomes e Amorim, 2002, p.26).

No mapa do zoneamento de 2019, as praças são identificadas como Zonas Especiais de Recreação e Lazer, da mesma forma que as universidades, os aeroportos e os clubes esportivos. As áreas verdes públicas correspondem às Zonas de Preservação e Proteção Ambiental, limitando-se às margens de rios e córregos em áreas de expansão urbana.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabeleceu-se como perímetro as avenidas Manoel Goulart e Brasil, a rua Fagundes Varella e a rodovia Raposo Tavares, buscando-se incluir praças que receberam tratamento paisagístico. Dentro desse perímetro foram selecionadas para análise doze praças - desde as mais antigas, como a Praça da Bandeira ou a Praça da Catedral, até projetos mais recentes, como a Praça das Cerejeiras, no Jardim Bongiovani.

Uma parte considerável dessas praças não apresenta atualmente um bom estado de conservação, com manutenção e limpeza inadequadas, o mato invadindo as áreas de piso e os bancos, os brinquedos infantis enferrujados, o mobiliário pichado, ausência de lixeiras ou lixeiras improvisadas, entre outros problemas encontrados. Além disso, muitas dessas praças têm um uso reduzido, com poucas pessoas usufruindo de seus espaços. O objetivo principal da pesquisa foi analisar essas praças do ponto de vista qualitativo, considerando a qualidade ambiental, funcional e estética, e também a partir da percepção do lugar. Foram assim considerados uma estimativa de árvores existentes no local segundo o seu porte, os tipos de piso e seu estado de conservação, a adequação das luminárias existentes, o mobiliário, os equipamentos e brinquedos infantis, assim como a faixa etária de seus usuários e os espaços ou ambientes mais frequentados por eles.

Em termos morfológicos, essas praças apresentam um desenho bem variado com poucas repetições - além do formato quadrangular ou retangular mais comum, há praças trapezoidais, praças com um desenho mais curvilíneo, praças em “L” e até mesmo uma praça configurando o cálice de uma rosa quando vista de cima. No que diz respeito à localização, embora estejam todas dentro do perímetro de investigação pré-definido, algumas estão em uma região mais central da cidade, outras em bairros predominantemente residenciais, outras em bairros de uso misto, próximas a universidades, hospitais e shopping centers e outras ainda bem mais afastadas do centro. Essa localização espacial influencia a frequência de manutenção desses



espaços e seu uso ou ausência de uso e as características de seus usuários - frequentadores do centro, estudantes, interessados em feiras ou em eventos musicais e moradores de rua.

No cenário atual de uma cidade de porte médio, esses espaços livres competem com os shoppings, com os clubes e mesmo com as quadras esportivas que ocupam quarteirões inteiros, mas diferentemente dos primeiros continuam constituindo espaços públicos por excelência (Marx, 1980, p.49), sendo imprescindível a análise para verificação de suas condições e manutenção, assim como seu uso, seja para propostas futuras de melhorias seja para chamar a atenção do Poder Público e de outros agentes responsáveis pela produção do espaço urbano para a necessidade de manutenção desses espaços.

Na sequência, são apresentados uma fundamentação teórica com autores que estudaram a praça do ponto de vista histórico, que analisaram praças brasileiras e que ratificaram a importância da qualidade paisagística dos espaços livres de edificação; as estratégias metodológicas adotadas para o desenvolvimento da pesquisa; os resultados dos levantamentos de campo e da análise das praças; uma discussão acerca dos aspectos e condições atuais dessas praças; algumas considerações finais tendo em vista o desenvolvimento do trabalho; e as referências bibliográficas, com as principais obras utilizadas no projeto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Uma igreja, uma praça; regra geral de nossas povoações antigas.” (MARX, 1980, p.54)

Um dos livros mais importantes sobre a cidade brasileira considerada em seus aspectos morfológicos é a obra *Cidade brasileira*, do arquiteto e historiador Murillo Marx, que inclui em sua análise as praças. De acordo com Marx, a praça teve sua origem no Brasil, enquanto local de reunião e lugar utilizado para diversas atividades, no adro das igrejas, sendo raras as “praças cívicas” - como a praça Municipal de Salvador - no período colonial (Marx, 1980, p.49-51). Com o advento da República, no século XIX, surgiram praças regulares em frente a edifícios culturais, educacionais ou de caráter social, como a praça da República em São Paulo (Idem, *ibid.*, p.53). Atualmente muitas das praças do Brasil, à exceção das que datam do período colonial e das primeiras décadas da República, aparecem do tecido urbano tanto desvinculadas das igrejas como dos edifícios públicos, havendo um número significativo de praças de bairro, implantadas em meio às quadras de uso predominantemente residencial. No caso de Presidente Prudente, cuja data de fundação remonta a 1917, ou seja, uma cidade constituída em princípios do século XX, a praça central está localizada em frente à Catedral São Sebastião, seguindo a tradição do período colonial. Todavia, a maior parte das praças não está nem em frente a uma igreja, nem em frente a um equipamento público, sendo circundada por edifícios de uso residencial e às vezes até mesmo por comércio e serviço - todas são delimitadas por ruas e não mais pelas construções.

Uma das referências teóricas de fundamental importância para a análise da qualidade das praças é Garrett Eckbo. Em sua obra *The landscape we see*, Eckbo salienta que a qualidade da paisagem depende de vários aspectos, como a qualidade técnica, que corresponde à boa resolução dos problemas técnicos, a qualidade funcional, que pressupõe o atendimento às



necessidades de uso e circulação, e a qualidade visual, que depende dos arranjos cuidadosos e detalhados para resolver os problemas técnicos e funcionais (ECKBO, 1969, p.17-8). O paisagista considera importante também a proximidade do homem com a natureza, chegando a afirmar que “nós deveríamos viver em parques em vez de precisarmos frequentar parques” (Idem, *ibid.*, p.101), do que é possível depreender uma preocupação ambiental em relação à vida nas cidades. Ao tratar dos espaços livres de edificação, Eckbo enfatiza que devem ser belos, confortáveis e ter o seu uso garantido (Idem, *ibid.*, p.126), abordando ainda a questão da qualidade social dos projetos que melhoram o ambiente daqueles que não têm condições de arcar com os custos do paisagismo, que são normalmente os que mais necessitam da contribuição do paisagista, observando que os projetos públicos que deveriam atendê-los, geralmente têm limitações, com restrições estéticas graves em função disso (Idem, *ibid.*, p.208). Nessa análise, buscou-se verificar principalmente a qualidade ambiental, estética e funcional dos projetos de praça, tendo em vista essas considerações apresentadas por Eckbo nessa obra considerada relevante para o paisagismo. No que concerne à qualidade social, todos os projetos analisados são em sua essência públicos.

Outra fundamentação teórica relevante quando se considera a análise de praças, em especial no Brasil, é *Projeto de Praça*, de Sun Alex. Nesse livro, o autor depois de um breve aporte teórico sobre a história da praça e do parque no mundo, considera seis praças de São Paulo a partir de observações sistemáticas, mapeamentos comportamentais, registro fotográfico, entrevistas e análise do contexto, da praça no tecido urbano e do entorno, sendo importante para as questões metodológicas e escolha dos procedimentos da pesquisa. Além disso, destaca-se a ênfase dada à acessibilidade, como “condição primordial” para o uso desses espaços e sua apropriação, diferenciando o acesso físico (caracterizado pela ausência de barreiras espaciais) do acesso visual (que possibilita o primeiro contato do usuário, mesmo à distância, com o lugar) e do acesso simbólico e social (que indica por meio de sinais sutis quem é bem-vindo ou não ao lugar). Uma das conclusões do autor conduz a reflexões sobre as consequências da ausência de uso de parte considerável das praças de Presidente Prudente, embora Sun Alex trabalhe com as praças paulistanas:

O desuso das praças acarreta a perda de oportunidades de sociabilização e de fortalecimento da cidadania, contribuindo para o aumento da dependência de espaços privados para a prática da vida pública e, conseqüentemente, das desigualdades sociais e da exclusão. Garantir o acesso público e o uso coletivo - condições essenciais para promover a vida pública nas praças - é um desafio e uma responsabilidade para a cidade e para o paisagismo. (ALEX, 2008, p.279)

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Após a pesquisa bibliográfica inicial, com a leitura de textos e elaboração de fichamentos, foi analisado o mapa geral da cidade para definição de um perímetro dentro do qual se encontram as doze praças analisadas neste trabalho. Esse perímetro buscou incluir uma área onde havia praças que receberam tratamento paisagístico, uma vez que a ideia era identificar aquelas que necessitam de requalificação. Feita a seleção, foi elaborado um formulário com questões referentes à vegetação, à arborização urbana, aos equipamentos e aos tipos de piso, para verificar a qualidade e/ou o estado de conservação desses elementos dos espaços livres, sendo feitas também anotações sobre o público que frequentava a praça no momento dos



levantamentos de campo - que aconteceram no segundo semestre de 2023 às quartas-feiras, a partir das 14h00, e no mês de janeiro de 2024 em diversos dias da semana, no período matutino. Esse formulário foi preenchido in loco pelos integrantes do grupo, gerando gráficos com os resultados, os quais foram considerados na análise. Os levantamentos de campo, com registro fotográfico, além do preenchimento dos formulários, também foram muito importantes para a análise pela possibilidade de percepção e conhecimento do espaço. Com esse levantamento de campo foi possível identificar as praças que necessitam de projetos de requalificação e também aquelas que são mais utilizadas e as que ficam sem uso. Nesse sentido, o método utilizado foi muito mais qualitativo do que quantitativo.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Como resultado da pesquisa, apresenta-se uma análise desses espaços que possibilita uma aproximação maior com suas características ambientais, estéticas e funcionais. São ao todo doze praças: a praça da Bandeira, a praça Oscar Figueiredo Junior, a praça dos Imigrantes, a praça das Cerejeiras, a praça do Centenário, a praça do Bacarin, a praça Nove de Julho, a praça Dobio Zaina, a pracinha do Bosque, a praça do Triângulo, a praça Mário Eugênio e a pracinha Jardim Colina.

Figura 1: Indicação do Perímetro e Localização das Doze Praças Analisadas



Fonte: Mapa elaborado pela autora a partir do Mapa de Zoneamento da cidade.

A praça da Bandeira fica entre a avenida Brasil e um viaduto erguido sobre a ferrovia da cidade que atualmente está sem uso. Nos baixios do viaduto foram feitos grafites nos muros que separam fisicamente a praça da ferrovia. Também foi colocado piso intertravado nesses espaços, embora não sejam utilizados com frequência. O traçado da praça foi elaborado basicamente a partir de caminhos sinuosos, sendo a maior parte do espaço permeável e composta por grandes canteiros de vegetação com gramado (em péssimo estado de conservação) e árvores de pequeno, médio e grande porte, além das palmeiras. A área de recreação infantil apresenta brinquedos como balanço, escorregador e gangorra. Há bancos de concreto distribuídos por toda a praça, alguns isolados e outros contínuos, possibilitando maior integração entre as pessoas. Em termos de acessibilidade, a praça possui uma rampa que



garante a circulação vertical entre a parte mais baixa e mais alta e também possibilita o acesso a partir de diversos pontos. No dia da visita de campo, não havia muitas pessoas utilizando a praça, mas havia crianças no playground, adultos sentados nos bancos, idosos atravessando a praça e um jovem lendo um livro à sombra das árvores. Do outro lado da praça foram dispostos vários quiosques de uso comercial com lojas pequenas e estreitas sob uma estrutura metálica comum - remetendo a uma função antiga desses espaços: um local de troca.

A praça Oscar Figueiredo Junior, conhecida como Praça do Vale, apresenta um bom estado de conservação, embora algumas árvores e cicas estejam morrendo muito provavelmente em função das mudanças climáticas exacerbadas neste último ano, que resultaram no aumento da temperatura. O piso, os bancos e as luminárias parecem ter sido recentemente implantados e estão em bom estado. É possível ter acesso à praça de diversos pontos, mas internamente, os desníveis e alguns elementos funcionam como barreiras, dificultando o acesso a determinados trechos. Existe também no local um córrego canalizado a céu aberto que no momento da visita estava praticamente seco, gerando um odor desagradável. Na praça, há árvores de pequeno, médio e grande porte, além de palmeiras, ravenalas, cicas e alguns cactos, conferindo um aspecto mais tropical à composição. Em relação ao uso, a praça estava praticamente vazia no dia da visita de campo, com algumas pessoas utilizando o espaço apenas para circulação. Sabe-se no entanto que a praça é muito utilizada no período noturno para as “batalhas de rap”, principalmente aos finais de semana. Em termos de uso, destaca-se assim a ideia de um local de eventos ou de um evento musical bastante específico e característico também de outras áreas da cidade.

Das praças visitadas, a praça dos Imigrantes apresenta um dos piores estados de conservação. A vegetação está alta, os elementos que simbolizam os imigrantes assim como o mobiliário estão todos pichados, parte do piso está degradada ou coberta por vegetação, o único brinquedo da área de recreação infantil apresenta ferrugem e desgaste na pintura, algumas árvores estão ressecadas e praticamente não há outras espécies vegetais além da grama e das árvores de grande porte - apenas uma cica, um cacto e espadas de São Jorge plantadas em pneus pelos moradores. Os equipamentos destinados à terceira idade estão novos, mas a praça estava vazia e sem uso no dia e horário da visita (uma quarta-feira à tarde). Há espécies arbóreas de pequeno, médio e grande porte (como pau-ferro e tipuana) cujas copas se entrelaçam ao redor da praça. O piso é de pedra mineira intercalada com cimentado e, portanto, totalmente impermeável. O mobiliário (composto por bancos que compõem círculos, bancos retangulares e mesas com bancos para jogos) é todo de concreto armado. Parte desse mobiliário foi alocada em meio à grama, a qual em função do pisoteio constante transformou-se em terra batida. Em termos de acessibilidade, a praça também não atende a todos os requisitos necessários para ser considerada acessível em função das diferenças de nível. A praça é toda cercada por casas térreas e sobrados - a maioria com jardins na frente, diferenciando-se nesse sentido da praça da Bandeira, localizada na região central da cidade - entre a ferrovia, o viaduto e o centro, e da praça do Vale, apenas com duas das laterais cercadas por construções horizontais, mas voltada principalmente para a avenida Manoel Goulart que apresenta do outro lado a UNESP e um trecho do parque do Povo. Curiosamente, a maioria das pessoas caminha pelas calçadas das quadras vizinhas em vez de percorrer a praça dos Imigrantes. Todavia, a praça é bastante utilizada pelos estudantes depois das 17 horas, principalmente às sextas e aos finais de semana.

Na praça das Cerejeiras, vários elementos são característicos do jardim japonês: as pedras, as águas, a ponte, as luminárias (tão comuns no bairro da Liberdade em São Paulo) e as cerejeiras - estas últimas, no entanto, não sobreviveram ao sol da cidade. Os monumentos da praça aparentemente estão preservados. Todavia, a lâmina d'água está sem água, embora as pedras



estejam preservadas, assim como a ponte que deveria atravessá-la. Vários bancos ficam sem uso por sua própria localização na praça: nas áreas de maior insolação e menor sombreamento. Há também escadas que terminam em espaços com terra e vegetação, pisos danificados e espécies arbóreas secas (como as antigas cerejeiras que dão nome à praça). Em relação à vegetação, além das cerejeiras, há palmeiras, cicas, bambus e muito pau-ferro. Mas a praça não é muito utilizada a não ser como local de passagem. A falta de acessibilidade a seus ambientes internos contribui também para reduzir o seu uso.

A praça do Centenário é talvez a mais controversa de todas: uma praça que fica em um parque, no caso, o Parque do Povo. Em função disso seus limites não são muito precisos, mesclando-se à área do parque. As árvores ao redor do espaço principal também parecem pertencer muito mais ao parque do que à praça. Esse espaço mais importante é constituído por uma grande área de piso com monumentos comemorativos do centenário da cidade, mas por ser ampla demais e sem arborização torna-se um ambiente pouco agradável durante o dia em função da temperatura mais elevada corroborada pelo próprio tipo de piso e ausência de vegetação. Talvez por isso permaneça praticamente vazia entre a manhã e a tarde, quando o sol está mais forte. Ao redor dessa área há bancos ocupados pela vegetação que cresce desmesuradamente, sem manutenção. O lugar é acessível a partir de uma das laterais do parque, sendo praticamente plano em seu espaço principal, mas parece isolado em relação às demais áreas do parque em função do próprio desnível existente. No dia da visita de campo, dado o sol extenuante, não havia ninguém na praça além dos pesquisadores do grupo. Trata-se de um espaço comemorativo mais utilizado em dias de eventos, como as feiras realizadas no período noturno em algumas épocas do ano.

Uma das praças visitadas mais interessantes é a praça do Bacarim, que atravessa duas quadras. No primeiro trecho, o piso quase desaparece em meio ao mato, assim como os antigos brinquedos do playground, que ficam sem uso. As paredes que envolvem e configuram a praça são marcadas por trabalhos coloridos de grafite que dão um ar contemporâneo ao lugar. Nesse trecho há algumas áreas de estar, sombreadas por árvores plantadas em caixas de árvore na altura do piso ou acima, constituindo bancos de concreto. No dia da visita, havia um indivíduo aproveitando a sombra de uma árvore frondosa, outro indivíduo que parecia estar cuidando de uma árvore de médio porte localizada no centro desse trecho da praça e algumas pessoas passeando com seus cachorros no local. O segundo trecho é mais bem cuidado e também apresenta trabalhos coloridos de grafite nos muros. O piso não está invadido pelo mato, os equipamentos de terceira idade implantados junto à rua são relativamente novos, há mais árvores de grande porte, sendo maior o conforto térmico nesse trecho e os bancos de concreto estão em bom estado de conservação. Contudo a praça não é totalmente acessível e passa uma sensação de insegurança, indicando conflitos sociais na ocupação do espaço.

A praça Nove de Julho é provavelmente a praça com mais uso da cidade, talvez em razão de sua localização, no centro de Presidente Prudente. É muito utilizada como espaço de passagem ou área de circulação, com uma quantidade significativa de pessoas transitando por suas áreas de piso ao longo de todo o dia. Esse piso é marcado por um desenho em mosaico português com quatro cores - branco, bege, vermelho e chumbo. Uma fonte centralizada em relação ao eixo da Catedral também se destaca no projeto. Além disso, há um espaço com mesas e bancos para jogos muito utilizado pelos frequentadores desse espaço livre. Bancos de madeira e concreto estão distribuídos em vários pontos e também no local onde a praça se mescla ao calçadão central. No geral, a praça é bastante arborizada com árvores de médio e de grande porte, além das palmeiras, distribuídas em canteiros de vegetação em seu interior e em caixas de árvores nas calçadas. Bancas de jornal, barracas improvisadas para vendas, pontos de táxi e de ônibus igualmente caracterizam a praça e contribuem para uma movimentação de pessoas



maior - além da integração espacial com o calçadão do centro. Nesse sentido, essa praça serve de contraponto às anteriores por evidenciar as potencialidades de uso desses espaços públicos.

Um dos elementos de maior destaque na praça Dobio Zaina é a grande arquibancada de um anfiteatro a céu aberto, que também aparece em outras praças da cidade, conduzindo-nos a uma reflexão: este elemento seria realmente necessário em uma praça de bairro ou é colocado para ocupar uma parte dos espaços livres? De fato a praça foi implantada em terreno de topografia acidentada, sendo resolvida em diversos níveis interligados por rampas e escadas - inclusive o elemento água foi trabalhado em vários níveis, sendo o mais baixo o espelho d'água atravessado por uma passarela que interliga a área da arquibancada a uma área de estar muito simples, composta por três bancos isolados com um design bastante peculiar. Afora essas grandes áreas impermeáveis, a praça apresenta também canteiros de vegetação nos quais estão dispostas árvores de pequeno, médio e grande porte, além de palmeiras e cicas. O piso ora é cimentado, ora intertravado, na forma de "H". No momento do levantamento de campo, a praça estava sem uso - apenas as funcionárias da limpeza estavam no local. Estas, entretanto, afirmaram que no horário do almoço, as pessoas que trabalham nas empresas do entorno costumam frequentar a praça. Vale mencionar ainda uma construção existente na praça, sobre a qual foram dispostos alguns bancos, constituindo uma área de estar na cobertura, junto às copas das árvores, à qual se tem acesso por meio de escada e rampa. Todavia, segundo nos informaram as funcionárias da limpeza, esse espaço é mais utilizado pelos skatistas. É interessante enfatizar também que o traçado mais orgânico dessa praça é muito interessante em termos paisagísticos, revelando influências do modernismo em sua concepção.

A chamada "Pracinha do Bosque" corresponde na verdade a um pedaço de quadra ao lado de um edifício, que possui uma área de estacionamento em seu perímetro, equipamentos de ginástica na área de piso cimentado, alguns bancos, lixeiras improvisadas e um canteiro curvilíneo com árvores de pequeno, médio e grande porte, além de palmáceas. Apesar da exiguidade do espaço e da ausência de uso, a vegetação existente contribui significativamente para tornar o local agradável.

De todas as praças visitadas, a Praça do Triângulo é a mais mal cuidada. Fica no interior de um bairro residencial (Jardim Bongiovani) e está subdividida em três partes, sendo cortada transversalmente por duas ruas. Possui árvores de pequeno, médio e grande porte, mas os brinquedos do playground (enferrujados), os equipamentos de ginástica, os bancos e os locais de estar estão em meio ao mato alto, onde há muito lixo também, o que acentua a ausência de cuidado com a praça. O piso (cimentado, intertravado e sextavado) está muito danificado e desaparece em meio ao mato. Os postes de luz são escassos e não estão na escala do pedestre. Os bancos também não estão em bom estado de conservação. Em relação à vegetação, além das árvores, há palmeiras, palmáceas e flores que foram plantadas pelos moradores do entorno. Destaca-se uma área de estar coberta, com bancos de concreto distribuídos ao redor de uma mesa circular que possui um pilar de madeira ao centro, de onde saem os suportes da cobertura, do mesmo material, os quais sustentam as telhas de barro. No momento do levantamento de campo, a praça estava vazia e cercada por carros estacionados. Apenas um usuário estava deitado em um de seus bancos.

A praça Mário Eugênio é uma praça quadrangular de dimensões consideráveis, situada em um bairro residencial da cidade (o Jardim Bongiovani). A praça apresenta um traçado em eixo, que conduz a um canteiro central circular. Os canteiros laterais são muito amplos, com árvores de pequeno, médio e grande porte, palmeiras e algumas espécies tropicais. O fato de ser bastante arborizada resulta em um ambiente bastante agradável em função da sombra das árvores. O piso é cimentado. Na praça há dois quiosques de alimentação, que estavam fechados no momento do levantamento de campo, mas que provavelmente atraem várias pessoas ao local



no final do dia e aos finais de semana. A praça está bem cuidada, sendo utilizada por crianças acompanhadas dos pais e avós e também por pessoas que levam seus cachorros para passear no período matutino. O local apresenta um pequeno desnível, resolvido no projeto por meio de escadas com um desenho diferenciado, rampas e taludes. Os bancos de concreto apresentam um design simples e estão dispostos isoladamente nas bordas do canteiro central circular, junto à área de ginástica e junto ao playground. Há mesas de jogos em um dos canteiros laterais, cercadas de terra batida. No canteiro central, há um busto dedicado a Mário Eugênio, indicando que a praça foi inaugurada em 10 de fevereiro de 1974. Os brinquedos do playground e os equipamentos de ginástica estão em bom estado de conservação. Por outro lado, as lixeiras são escassas e improvisadas.

A praçinha Jardim Colina possui projeto paisagístico, mas está muito mal cuidada, com o mato crescido e os brinquedos e mobiliário precisando de manutenção. O piso é cimentado com pedriscos, os bancos são de concreto bem simples e estão danificados. Há árvores de grande porte como o pau ferro, árvores de pequeno e médio porte, palmeiras, cicas, arbustos e algumas plantas acrescentadas pelos moradores do entorno. Em uma das esquinas, foi criada uma arquibancada constituindo um anfiteatro ao ar livre. Esse elemento enfatiza o desnível existente no terreno. Sobre o piso cimentado, há mesas com banquetas de concreto, equipamentos de ginástica, luminárias e bancos de concreto. Os brinquedos do playground estão distribuídos nas áreas com vegetação. Há também uma estrutura de concreto com pilares e vigas de secção retangular. Do outro lado da praça, existe um campinho de futebol, caracterizado pelas traves dos gols. O espaço é bastante amplo e a massa de vegetação se destaca no terreno. Na manhã da visita de campo, havia apenas uma criança andando de bicicleta acompanhada pela responsável.

Figura 2: As doze praças analisadas.



Fonte: Solange de Aragão, 2023-2024.

O estudo apresentado por Gomes e Amorim (2002) referente às praças de Presidente Prudente apresenta 19 praças que, de acordo com os autores, apresentavam melhor infraestrutura e melhor estado de conservação à época. Nessa análise, são considerados: a área, a altitude, o bairro, o poder aquisitivo de seus moradores, a vegetação, o piso, o mobiliário e outros elementos. Considerando que esse trabalho foi publicado há mais de vinte anos, é interessante considerar as observações elaboradas, uma vez que das doze praças mencionadas acima oito estão nesse artigo de 2002:

Tabela 1: Praças analisadas por Gomes e Amorim.

PRAÇA	ÁREA	BAIRRO	PODER AQUISITIVO	VEGETAÇÃO	PISO	MOBILIÁRIO	OUTROS ELEMENTOS
PRAÇA DA BANDEIRA	—	—	—	DIVERSOS TIPOS	PEDRA PORTUGUESA	BANCOS DE MADEIRA E CONCRETO	PLAYGROUND, BANCA, TRAILER DE LANCHES, SANITÁRIOS, COMÉRCIO AMBULANTE
PRAÇA DOS IMIGRANTES	3.910M ²	JARDIM DAS ROSAS	MÉDIO	ÁRVORES, ARBUSTOS, GRAMADO	PEDRA MINEIRA	BANCOS DE CONCRETO	POSTES GALVANIZADOS, MONUMENTOS DE CONCRETO
PRAÇA DAS CEREJEIRAS	6.602M ²	—	MÉDIO	ÁRVORES E GRAMADO	CONCRETO	BANCOS DE CONCRETO	ILUMINAÇÃO
PRAÇA DO BACARIN	4.800M ²	VILA DUBUS	MÉDIO	ÁRVORES DE PEQUENO E GRANDE PORTE, ARBUSTOS, FLORES E GRAMADO	LAJOTAS SEXTAVADAS	BANCOS DE CONCRETO	FLOREIRAS, TANQUES DE AREIA, POSTES GALVANIZADOS
PRAÇA NOVE DE JULHO	7.744M ²	CENTRO	—	ÁRVORES, ARBUSTOS, FLORES E GRAMADO	PEDRA PORTUGUESA	BANCOS DE CONCRETO	FONTE, ARENA, POSTES, MONUMENTO JAPONÊS, BUSTO, SANITÁRIOS, BANCA, POSTO POLICIAL, TRAILERS DE LANCHE E COMÉRCIO AMBULANTE
PRAÇA DOBIO ZAINA	3.600M ²	BOSQUE	—	ÁRVORES DE PEQUENO PORTE, ARBUSTOS, FLORES E GRAMADO	BLOQUETE	BANCOS DE CONCRETO	ESPELHO D'ÁGUA COM FONTE, ARENA, SANITÁRIOS, POSTES GALVANIZADOS, BANCA, EDIFICAÇÃO
PRAÇA MÁRIO EUGÊNIO	7.000M ²	JARDIM BONGIOVANI	MÉDIO E ALTO	VÁRIOS PORTES DE VEGETAÇÃO ARBÓREA	CALÇADAS EM CONCRETO	BANCOS DE CONCRETO	POSTES GALVANIZADOS, BUSTO, TRAILERS DE LANCHE
PRAÇA JARDIM COLINA	8.700M ²	JARDIM COLINA	MÉDIO	ÁRVORES DE PEQUENO PORTE, ARBUSTO E GRAMA	—	BANCOS E MESAS DE CONCRETO	CAMPO DE FUTEBOL, TEATRO DE ARENA, POSTES GALVANIZADOS

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir das observações de Gomes e Amorim em artigo de 2002.

Em vinte anos, constata-se algumas alterações em relação à vegetação, por exemplo, na praça Dobio Zaina existem atualmente árvores de grande porte e a maior parte das praças não apresenta mais arbustos em quantidade significativa. O piso também foi alterado na praça da Bandeira (intertravado) e na praça do Bacarin (cimentado, com remanescentes do piso sextavado). No mobiliário, continuam prevalecendo os bancos de concreto. Em relação aos outros elementos, destaca-se o acréscimo em quase todas as praças dos equipamentos de ginástica para a terceira idade. Além disso, alguns dos antigos “trailers para lanches” transformaram-se em quiosques de alimentação, inclusive com construção permanente, como no caso da praça Mário Eugênio.

5 DISCUSSÃO

Considerando a qualidade estética, a maior parte das praças analisadas apresenta um traçado menos elaborado, sem articulação de todos os elementos e sem uma composição da vegetação mais refinada. Do ponto de vista ambiental, algumas praças possuem melhores condições de conforto térmico resultantes da presença de vários exemplares arbóreos de grande porte que contribuem para sombrear os espaços, com amplas áreas de canteiros de vegetação e áreas de piso que se restringem basicamente aos caminhos. Em contraposição, outras são extremamente áridas, impedindo ou impossibilitando o uso nos horários de sol mais forte. No quesito funcionalidade, muitas dessas praças também deixam a desejar, com caminhos e escadas que terminam na terra, sem levar a lugar algum, mesas e bancos distribuídos em meio à grama ou à terra batida, ausência de uma lógica de percurso que faça o transeunte passear de forma mais agradável por seus espaços e interligue e conecte os ambientes criados. Também não é possível afirmar que essas praças tenham sido projetadas para recreação, acontecendo muitas vezes o contrário: equipamentos de playground acrescentados às praças sem uma preocupação mais acentuada. O mesmo é feito com os equipamentos de terceira



idade, acrescidos a posteriori. A acessibilidade é evidente em alguns desses projetos, enquanto em outros faltam rampas para tornar todos os espaços mais acessíveis a todos os usuários. Em relação aos fechamentos, essas praças são predominantemente abertas para a cidade, apresentando muita transparência em relação à vegetação mesmo na presença de espécies de maior porte. No que diz respeito à apropriação do espaço, constatou-se tanto a apropriação pelos moradores em situação de rua de alguns bancos das praças mais centrais, quanto a apropriação por meio do plantio e cuidado de flores e plantas pelos moradores do entorno. Afora a praça Nove de Julho, a mais utilizada de todas, localizada no centro da cidade, as demais possuem uso significativo em determinados dias e horas durante a realização de eventos, permanecendo vazias a maior parte do dia durante a semana. A análise indicou a necessidade de projetos de requalificação nas seguintes praças: Praça dos Imigrantes, Praça das Cerejeiras, Praça do Bacarin, Praça Dobio Zaina, Pracinha do Bosque, Praça do Triângulo e Pracinha Jardim Colina, ou seja, a maioria das praças localizadas em bairros mais distantes do centro, o que revela um descaso maior do Poder Público em relação às praças de bairro.


Tabela 2: As doze praças analisadas na pesquisa

PRAÇA	ÁREA (1000M2)	BAIRRO	ENTORNO	TIPO	CONSERVAÇÃO	PREDOMÍNIO DE PISO OU VEGETAÇÃO	USO	PRECISA DE REQUALIFICAÇÃO
PRAÇA DA BANDEIRA	10	CENTRO	COMERCIAL	CENTRO E COMÉRCIO	OK	50% PISO E 50% VEGETAÇÃO	POUCO	NÃO
PRAÇA DO VALE	8	SANTA HELENA	COMÉRCIO E SERVIÇO	PRAÇA DE EVENTOS	OK	50% PISO E 50% VEGETAÇÃO	EVENTUAL	NÃO
PRAÇA DOS IMIGRANTES	4	JD. DAS ROSAS	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	VEGETAÇÃO	EVENTUAL	SIM
PRAÇA DAS CEREJEIRAS	6.6	BONGIOVANI	USO MISTO	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	VEGETAÇÃO	POUCO	SIM
PRAÇA DO CENTENÁRIO	2	PARQUE DO POVO	PARQUE	PRAÇA DE EVENTOS	OK	PISO	EVENTUAL	NÃO
PRAÇA DO BACARIN	4.8	VILA DO ESTÁDIO	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	PISO	POUCO	SIM
PRAÇA NOVE DE JULHO	7.8	CENTRO	COMERCIAL	PRAÇA DA MATRIZ	OK	50% PISO E 50% VEGETAÇÃO	MUITO	NÃO
PRAÇA DOBIO ZAINA	3.6	BOSQUE	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	50% PISO E 50% VEGETAÇÃO	POUCO	SIM
PRACINHA DO BOSQUE	1	BOSQUE	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	PISO	POUCO	SIM
PRAÇA DO TRIÂNGULO	3	BONGIOVANI	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	VEGETAÇÃO	POUCO	SIM
PRAÇA MÁRIO EUGÊNIO	7	BONGIOVANI	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	OK	VEGETAÇÃO	POUCO	NÃO
PRAÇA JARDIM COLINA	8.7	JD. COLINA	RESIDENCIAL	PRAÇA DE BAIRRO	RUIM	VEGETAÇÃO	POUCO	SIM

Fonte: Tabela elaborada pela autora. Presidente Prudente, 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem todas as praças recebem um tratamento paisagístico adequado, seja em função do traçado, seja em função da escolha das espécies, seja em função das características dos ambientes criados, do mobiliário, da insuficiência de iluminação, da escala dos espaços. Mas isso explica apenas em parte a ausência de uso da maioria das cidades brasileiras no contexto atual. A falta de segurança resultante de problemas sociais e do crescimento desmesurado e desordenado das cidades, os conflitos sociais entre grupos distintos que querem usufruir de seus espaços, a própria localização do tecido urbano, a concorrência com shoppings e outros espaços fechados e segregados, onde determinados grupos se sentem seguros, a própria verticalização que afasta as pessoas dos espaços públicos e as novas tecnologias que



introduzem formas de lazer dissociadas do uso dos espaços são fatores que podem contribuir para o entendimento da situação atual das praças do Brasil.

Das doze praças analisadas neste trabalho, nenhuma contempla simultaneamente as três qualidades necessárias ao bom projeto paisagístico mencionadas por Garrett Eckbo (qualidade estética, ambiental e funcional). De um modo geral, o valor estético e as questões relacionadas à funcionalidade, ao modo de organizar os espaços e seus componentes, à conexão e integração desses espaços são os mais problemáticos nesses projetos de praça. Em relação à qualidade ambiental, algumas dessas praças atendem melhor esse quesito pela grande quantidade de árvores que apresentam e, conseqüentemente, pela superfície permeável mais ampla. Mas nem todas. Há praças bastante áridas ou sem vegetação que torne o ambiente mais agradável do ponto de vista do conforto térmico, que atraia mais elementos da fauna urbana ou que contribua significativamente para qualificar o sistema de espaços livres do ponto de vista ambiental ao lado dos parques e fundos de vale existentes na cidade. Todavia, correspondem a um potencial para a melhoria desse sistema, constituindo possibilidades de atuação para o paisagista interessado no projeto do espaço público e na busca de soluções para as questões atuais referentes ao uso desse espaço.

7 REFERÊNCIAS

- ALEX, Sun. **Projeto da praça, convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008.
- AMORIM, Margarete Cristiane da C. T. **Análise ambiental e qualidade de vida na cidade de Presidente Prudente/SP**. Presidente Prudente: UNESP, 1993. (Dissertação de Mestrado)
- ECKBO, Garrett. **The landscape we see**. New York: McGraw Hill Book Company, 1969.
- FARAH, Ivete; SCHLEE, Mônica B.; TARDIN, Raquel (Org.). **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2010.
- GOMES, Marcos A. S.; AMORIM, Margarete C. da C. T. As praças públicas de Presidente Prudente/SP: dinâmica sócio-espacial e caracterização da vegetação. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 4, p. 21–38, 2002. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7618>. Acesso em: 15/09/23.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE - Cidades: Presidente Prudente. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/presidente-prudente/panorama>. Acesso em 15 fev. 2024.
- MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Edusp, 1980.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos alunos e alunas da UNESP que me acompanharam nos levantamentos de campo de muitas dessas praças: Camila Pereira Mendes, Lucas dos Santos Corrêa, Lucas Meiado Souza, Matheus Teixeira de Castro, Pedro Bittencourt Fonseca Soares e Yasmim Eliza Moreira.